

# O VIGILANTE

Anno I | Órgão critico e litterario | Num. 3

DIRECÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO

1

Publicação semanal

3

Assig. por mez 200.rs | Desterro—Domingo 4 de Setembro de 1887 | Pagamento adiantado

## AVISO

Toda a correspondencia pode ser dirigida á praça Barão da Laguna n. 7

Numero avulso 60 reis.

### O cultivo das lettras

Dissipar as densas trevas da ignorancia, esclarecer a razão e cultivar a intelligencia esse dom sublimo emanado da Divindade, é a gloriosa tarefa do homem sobre a terra.

O homem não pode ser feliz, não pode viver n'um mundo esplendido de luzes e de harmonias e caminhar de frente eguida na senda do progresso e da civilisação, sem ter primeiramente envidado todos os esforços á seu alcance para preencher essa tarefa.

A intelligencia humana não pode conseguir esplendidas e gloriosas victorias e conceber sublimes pensamentos, sem ser cultivada, porque ella é como o diamante que só tem brilho depois de ser lapidado.

Trabalhar cultivando com afiezo as nossas achadas intelligencias, para que mais tarde dessem ellas abrir suas azas e alar seus vôos de jactar no azulado espaço da sciencia, foi na verdade, a ardente aspiração que sempre alimentámos em nossos corações, e si assim não fôra, não tinhamos creado o organ dos nossos pensamentos, que ainda não respiram os magicos perfumes das flôres

da illustração.

A estrada que percorremos achase «caificada de cardos e espinhos, mas não nos importa, combatemos sempre porque é nosso mais vehemente desejo que nosso trabalho attinge ao auge da perfectibilidade e dispoente no horizonte de nossa cara patria a aurora de nossa regeneração intellectual.

A esperança essa filha do céo, esse anjo de candida, azas guia nossos debeis e vacillantes passos na senda que trilhamos e temos o sol glorioso da inspiração illuminando com seus brilhantes raios as nossas frontes juvenis.

### Liberdade

Não vemos uma these mais importante para ser discutida do que « Liberdade.

A liberdade é « confraternisação de todas as raças de todos os homens e, por consequente de todas as classes.

Nós, que somos brasileiros, que amamos a nossa liberdade como os passaros amam o ar, não podemos ver homens, nossos irmãos, presos pelos pesados grilhões da Escravidão.

Escravidão! desaparece para sempre dentre nós para que então possamos encarar o facho brilhante da liberdade e da civilisação para que não sejamos apontados como uma horda de barbaros.

Liberdade! segui-nos, porque vós sois o companheiro inseparavel da civilisação, sem ella não podemos levantar a voz e dizer affrontamente: somos todos iguaes, porque ao Brazil não ha mais escravos.

Brazil! levantai-me de um só impulso, como um só homem, despedaçai estes grilhões que vos ensorpeçam os movimentos e



Sim, és da terra e rainha  
e do céu, flôr, o — clarão!

MINCIO

Desterro

Das Quadrinhas

### Charadas

A' BASILIO CELSO PRUNA

O cognôme e a ave, encontra-se nos pés, 1—2

Gira, e abverbio e o engano 1—1

Na rousica não é; húa a reputação 1—1

## PARTE CRITICA

### Ao Jupiter

Deprimos no n.º 17 desse jornal, com uma proposição ambíval, obca, sem dâvida, de alguma intelligencia admiravel ou de algum craneo bestialto!

Dizia a tal allocução: «Vaga pelas ruas da cidade um animal que dá pelo nome de *Vigilante*.

Tem um papel na coleira com o seguinte: «Pasquieiro e difamador» Não me agarrem porque eu lançarei a minha bôta peçonhenta. Quem o poder agarrar será bem gratificado levando-se a tua das caças n.º 000» Com effeito...

Parece incrível que em cerebros tão juvenis, ainda, já as idéas estejam tão podres, tão desmantelladas!

Ah pobres d'espíritos!

Voçês, insultando descaradamente a todos, dando paternidade a poesias que lhes não pertencem, enfim, fazendo com tudo isso os assignantes vomitar de nojo, ousem chamar o *Vigilante* de — pasquim!...

A' excepção de dois collaboradores, que possuem esse bacil de *illustração* todos os mais são creanças inexperientes, que ainda hontem soletraram o *b u b d*...

Entretanto, d'elles temos pena e por isso aconselhamo-lhes que novamente procurem os bancos escolares, porque, escrevendo tanta asneira assim, tanta coisa sem nexo, demoraliza, não só a lingua, vernacula como ao proprio opusculo onde escreve!

Alumno de portuguez.

30—8—87

### A redacção do Jupiter

Pergunta-se ao autor do *Pedro* e seu a m os significados destas palavras *Pasquieiro difamador* e se ha na provincia algum jornal que mereça estas palavras, que o Sr. a t tribua ao *Vigilante*.

Se o *Vigilante* é pasquieiro e difamador, permitta que lhe digamos que o Sr. não passa de um *quadrumano*, porque só de sua cachola poderia saber essa asneira e desafiamos ao Sr. que venha pelo jornal dizer as significações das palavras *pasquieiro* e *difamador*; isto é sem consultar os dictionarios.

Por hoje chega da razão.

Xerxes.

### Visita das comadres

Dá licença comadre?

— Bons olhos o veja! Eutão comadre, a que tempo não apparece pensei que estava zangada!

— Nada comadre, estive bem doente, mais graças, as nossas mezinhas antigas, estou melhor, e vim cá somente para contar-lhe certos pratinhos, que estes rapazes tem feito.

— Minha comadre, inda não perdeu o maldito costume de lambisgoia?

— Não comadre voçe bem sabe o dictado antigo. — O que berço dá, somente a tumba tira. —

— Vá lá estou prompta a ouvir a, mais primeiro tome lá uma pitada do nosso antigo *tigelinha*.

Agora sim, minha comadre escute, não ha ve uma algazarra? estou ouvindo, são os malditos rapazes, olhe ali debaixo da arvore, e no chão bordondas, ah! não é nada, um está munido de um sacco e um crioulo está brincando com elles, enfim feixe a porta — vamos ao que seve:

Em uma noite dessas ia eu pelo Matto-Grosso e encontrei duas creanças a brigarem como armada de estoque e o outro a mão, o que tinha o estoque apalhou e o outro foi deitar-se, ah! comadre nuoca andei tão ligeira e antes de cinco minutos estava na Praia de Fóca, ali é que si consinhas bôas, um bando de meninas a correrem na rua juntos com meninos, um velho gritava bramava

mais qual. Ellas a nada attendendo, em fim depois de descansar um pouco vim para a cidade, e vejo um lote de moças a dizerem, "haveremos de continuar, temos panos para mangas... vieram aproximando-se eram os redactores do *Jupiter*. cruzes comadre quando fallo em *Jupiter* arrepiam-me os cabellos.

— Porque comadre?

— Ora porque, o Dôdô, como lhe chamam, que dizem, não sei é um dos redactores, quasi não dorme, apenas toca a alvorado, está de pé, é um demónio, corre a cidade, vê tudo quanto passa-se, e zua, jornal com as novidades.

— Mas Comadre inda não viu o outro jornal *O Vigilante*? Já andavam juntos *Vigilante* e *Jupiter*, e o rapaz tanto fez que vendeu-me um por 60 réis, mais comadre, é um desaforo. Ah! nosso tempo!

— Mais como inda zento, o Dôdô lha trouxe tão cedo isto ouvi mesmo elle dizer, bota fogo em uma maquina, faz café tom a rua vai dereitinho a Praia de Fôra onde tem uma morada, que ludo meinha Comadre, o rapaz teve gosto.

— Ademira-me, a comadre assim doente, como anda tanto.

— Isto não é nada, ande a Comadre noite e dia e verá o que vai por este mundo de Deus!

— Sabe onde é a rua da Trindade?

Sei:

Em uma casa ali, eu vi uma moça a conversar com o namorado nos fundos.. e outra na janella da frente, um era alto, magro, picado de bexigas, o outro baixo uza sobretudo, gosta de cavallos, em fim será melhor irmos tomar café!

— Ah! está o café!

— Graças a Deus, custou mais appareceu.

— Não diga isto, antigamente quando você vinha sempre bebiamos o café!

— Sim, mais como agora anda caro, por isso eu já não esperava.

Agora comadre Adeus até outra vista, eu contiguarei a vir aqui mesmo para contar-lhe certos desaforos que tem se dado na Praia de Fôra.

E o mais Adensinho, está ficando escuro e dizem que mulheres não tem ordem de andarem na rua fôra de horas excepto aquelles que vão as boticas.

## Ao Sr. Desferragaita

Recebi as suas delicadas decimas e tenho pena não ter talento bastante para responder-las no pé da letra. Sinto de minha parte que o amigo chegasse no estado de alienação! mas o que lhe posso arrastar é uma *camisola de lona* e um pouco de estopa, para ir de-ficando até que lhe puce esta alienação! ou então um lugar no Hospicio do Rio de Janeiro.

Declaro tambem que regento as suas decimas no conselho que fique com ellas, para applicar a outros da sua ignota.

Por aqui faço ponto, e deojo que o amigo vá gosando saúde e que fique melhor de seus incommodos.

Seu estimado amigo

Ferragaita Junior

## Perfil a penna

Os leitores conhecem o nosso amigo A. L. Se não o conhecem eis aqui o seu retrato.

É um rapaz esbulto moreno olhos bonitos, tem tambem um bunito bigode, e estou quasi a dizer que o seu *cavanhaque*, está em projecto, mas segundo os telegrammas do *Curral do Conselho*, não foi aceito o projecto.

O vemos diariamente consultar os romances sobre o que sympathizou-se mais foi o que trata da *Madame de Bovari*.

Não é rapaz que se metta em pandega, é um rapaz serio, e parece um vovô.

E até segundo me consta que vai casar-se com uma pequena que podese avó d'elle.

Traja no rigor da moda, e seus fraques são do tempo de Luis XXI e sua cartola, de Luiz Felipe, seus sapatos, a Luiz XIV.

Quanto ao vistorio, tenho dicto aos leitores que é um rapaz de luxo. Deixo por hoje este nosso amigo porque pretendo fazer uma viagem a Africa.

O caçador Persa